

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 31 No. 1 2018

ARTIGO

CESTOS ENTERRADOS NO VALE DO PERUAÇU: CLASSIFICAÇÃO E UTILIZAÇÃO DOS ARTEFATOS TÊXTEIS E TRANÇADOS DOS SÍTIOS SOB ABRIGO DO NORTE DE MINAS GERAIS

Leticia Dutra Romualdo da Silva*, Mercedes Okumura**

RESUMO

A rara preservação de artefatos trançados de fibras vegetais em sítios arqueológicos brasileiros resulta em um conhecimento restrito acerca desses materiais na pré-história. No vale do Peruaçu, Minas Gerais, os sítios Lapa do Boquete, Abrigo do Malhador, Lapa da Hora e Lapa do Caboclo apresentaram tais materiais excepcionalmente preservados, geralmente associados a depósitos de vegetais ou sepultamentos do Holoceno tardio. Apresentamos neste trabalho a coleção de artefatos trançados e têxteis de fibras vegetais do vale do Peruaçu sob a ótica do sistema classificatório de Berta Ribeiro (RIBEIRO, 1980, 1985, 1986b), explorando a maneira como esses artefatos foram depositados em seus respectivos contextos e chamando atenção para a importância e diversidade de artefatos perecíveis utilizados pelos grupos horticultores que ocuparam essa região.

Palavras-chave: Artefatos vegetais; Classificação; Brasil Central.

* Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN – UFRJ), lets.dr@hotmail.com. CAPES e FAPERJ.

** Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos, Departamento de Genética e Biologia Evolutiva, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, okumura@ib.usp.br.

BURIED BASKETS IN THE VALLEY OF THE PERUAÇU RIVER: CLASSIFICATION AND USE OF TEXTILE AND BASKETRY ARTIFACTS FROM ROCKSHELTER SITES IN NORTHERN MINAS GERAIS STATE

ABSTRACT

The rare preservation of basketry and textiles on the archaeological sites in Brazil results on a partial knowledge about this kind of material in prehistory. In some rock shelters from the Peruaçu River Valley, Minas Gerais State, fragments of these materials were discovered in an exceptional state of preservation, associated with archaeological deposits presenting botanical macro-remains or human burials dated from the late Holocene. We present in this article the collection of perishable artifacts excavated in Lapa do Boquete, Abrigo do Malhador, Lapa da Hora e Lapa do Caboclo sites, using Berta Ribeiro's classification (RIBEIRO, 1980, 1985, 1986b), examining the way in which these artifacts were used in the structures they were deposited, as well as emphasizing the importance and diversity of perishable artifacts used for the groups that occupied this sites.

Keywords: Perishable artifacts; Classification; Central Brazil.

CESTOS ENTERRADOS EN EL VALLE DEL PERUAÇU: CLASIFICACIÓN Y UTILIZACIÓN DE LOS ARTEFACTOS TEXTILES Y TRENZADOS DE LOS YACIMIENTOS EN ABRIGO DEL NORTE DE MINAS GERAIS

RESUMEN

La rara preservación de artefactos trenzados de fibras vegetales en yacimientos arqueológicos brasileños resulta en un conocimiento limitado acerca de esos materiales en la prehistoria. En el valle del Peruaçu, Minas Gerais, los yacimientos Lapa do Boquete, Abrigo do Malhador, Lapa da Hora y Lapa do Caboclo presentaron tales materiales excepcionalmente preservados, generalmente asociados a depósitos de vegetales o entierros humanos del Holoceno tardío. En este trabajo se presenta la colección de artefactos trenzados y textiles de fibras vegetales del valle del Peruaçu bajo la óptica del sistema clasificatorio de Berta Ribeiro (RIBEIRO, 1980, 1985, 1986b), explorando la forma en que estos artefactos se depositaron en sus respectivos contextos y llamando atención a la importancia y diversidad de materiales perecederos utilizados por los grupos horticultores que ocuparon esa región.

Palabras clave: Artefactos vegetales; Clasificación; Brasil Central.

INTRODUÇÃO

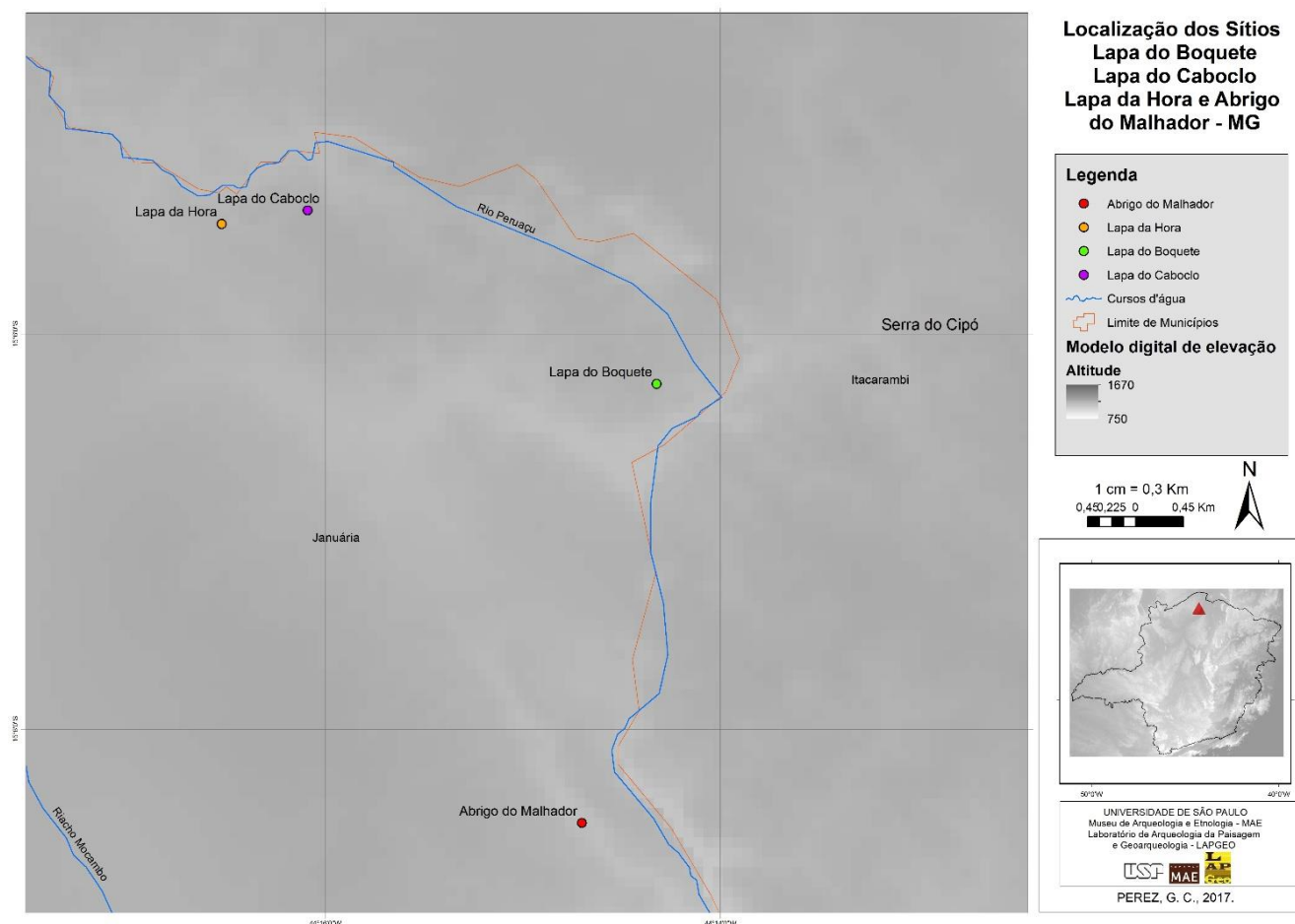
Estudar artefatos perecíveis no Brasil é um desafio por dois motivos principais: as condições climáticas do país, que dificultam a preservação desse tipo de vestígio, e a falta de familiaridade dos pesquisadores com esse tipo de material, que reflete na forma como esses artefatos são coletados e conservados dentro das reservas técnicas (HURCOMBE, 2014; COSTA, 2016). Combinados, esses fatores resultam em poucos estudos direcionados a esse tipo específico de material. Esse era o caso da coleção de trançados e têxteis do Vale do Peruaçu, que, apesar de sua excepcional preservação, a ausência de um inventário resultava em uma falta de identidade a essa coleção e, desse modo, lhe negava valor adequado como objeto de pesquisa e de proteção (DUTRA & SILVA, 2016).

O vale do rio Peruaçu, afluente da margem esquerda do rio São Francisco, representa até os dias atuais um local de referência para a arqueologia pré-histórica no Brasil Central. Durante duas décadas foi alvo de campanhas sistemáticas de pesquisas arqueológicas coordenadas pelo arqueólogo André Prous (UFMG), com cerca de 70 sítios arqueológicos identificados (PILÓ, 1989).

O primeiro registro de grupos humanos a ocuparem esse vale datam de 12.000 anos AP, eram grupos de caçadores-coletores caracterizados por uma indústria lítica principalmente sobre sílexito, apresentando lascas alongadas, pouco espessas, muitos instrumentos retocados (RODET, 2006, 2009) e também instrumentos em osso (PROUS, 2009). Segundo Kipnis (2009) essas estratégias de subsistência permaneceram estáveis por mais de 8000 anos, apesar de terem sido verificadas mudanças significativas no modo de ocupação dos abrigos no Holoceno Médio, evidenciadas, por exemplo, pelos enterramentos mais antigos do Vale, datados entre 7000 e 4500 AP (PROUS & SCHLOBACH, 1997). Somente a partir de 2.200 AP, surgiram mudanças nos padrões de ocupação dos sítios com indícios da introdução da horticultura e uma possível resignificação desses espaços que se transformaram de lugares de habitação em lugares de passagem destinados ao desenvolvimento de atividades específicas, possivelmente rituais (FREITAS & RODET, 2010).

Em termos gerais, foram esses grupos mais recentes os responsáveis pela maior variedade dos vestígios arqueológicos recuperados na região, incluindo os artefatos trançados e têxteis aqui apresentados, encontrados somente nas Lapa da Hora, Lapa do Caboclo, Abrigo do Malhador e Lapa do Boquete (indicados na Figura 1).

Figura 1 - Mapa como localização dos sítios: Lapa do Boquete, Lapa do Caboclo, Lapa da Hora e Abrigo do Malhador. Autor: Perez. G.C. 2017.



A Lapa do Boquete e o Abrigo do Malhador, distantes aproximadamente 4km em linha reta um do outro, foram sítios mais extensivamente pesquisados, o que pode explicar a existência de descrições e publicações mais elaboradas para a ocupação desses dois sítios. Neles foram escavados os onze sepultamentos do vale do Peruaçu, seis na Lapa do Boquete e cinco no Abrigo do Malhador. A Lapa do Boquete, no entanto, recebe maior destaque no cenário arqueológico do Vale em função de sua complexa estratigrafia e riqueza de vestígios, incluindo um grande número de depósitos estruturados e artefatos vegetais.

Por outro lado, as Lapas do Caboclo e da Hora foram alvo de pequenas sondagens nos primeiros anos de campanhas (1981 a 1983) e muito pouco foi publicado sobre os vestígios escavados nesses sítios. Destaca-se, porém, que em ambos foram identificadas concentrações de vegetais dentro de fossas, inclusive a Lapa da Hora apresenta várias estruturas expostas (Andrei Isnardis, *comunicação pessoal*, junho/2016), e que posteriormente foram denominados como os depósitos estruturados de vegetais.

Esses depósitos foram evidências cruciais para que os pesquisadores apontassem a mudança do modo de vida dos ocupantes do Vale do Peruaçu, de caçadores-coletores para horticultores a partir de 1500 AP, data do depósito mais antigo (JUNQUEIRA & MALTA, 1981/82; PROUS, 1991; RESENDE & CARDOSO, 2009). Referidos em algumas publicações como cestos (FREITAS & RODET, 2010) ou silos (JUNQUEIRA & MALTA, 1981/1982), são caracterizados por Resende & Cardoso (2009) como depósitos subterrâneos de morfologia e tamanho variados, isolados do meio exterior

por folhas de gramíneas, coqueiro e/ou milho, onde foram depositados toda sorte de vegetais, que provavelmente foram manejados pelos ocupantes dos abrigos em ocasiões especiais ou na vida cotidiana, preenchidos com sedimento e cobertas com carvões e cinzas. Essas autoras fizeram a identificação sistemática do conteúdo de algumas dessas estruturas e demonstraram que a espécie mais abundante é o milho (*Zea mays*) na forma de sabugos inteiros, alguns com grãos preservados e palha utilizadas para forrar essas estruturas ou separá-las. Além do milho, frutos e sementes de cansanção (*Cnidoscolus sp.*), guariroba (*Sygarus oleracea*), jatobá (*Hymenaea sp.*) quebrados por percussão; fragmento de raiz de mandioca (*Manihot sp.*) aparentemente raladas; feijão (*Phaseolus sp.*), chumaços de algodão (*Gossypium sp.*), etc., também foram identificados.

Tendo em vista todo esse panorama bem documentado para as ocupações do Vale, aliado ao fato de inúmeras publicações apontarem a ocorrência de artefatos vegetais, especialmente têxteis e trançados, dentro dos contextos de depósito e sepultamentos no cânion (JUNQUEIRA & MALTA, 1981/82; PROUS, BRITO E LIMA, 1994; PROUS & SCHLOBACH, 1997; PROUS, 2009; RESENDE & CARDOSO, 2009; FREITAS & RODET, 2010), apresentamos um estudo aprofundado da coleção de trançados e têxteis do Vale do Peruaçu, integrantes da Coleção Arqueológica do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (MHNJB-UFMG), fazendo uso de uma teoria de classificação (DUNNELL, 1971) e utilizando como ferramenta o sistema classificatório criado por Berta Ribeiro (RIBEIRO, 1980, 1985, 1986b, 1988), a fim de entender a associação e uso de tais artefatos em relação a sua deposição.

CLASSIFICAÇÃO: TEORIA E MÉTODO

A classificação é referenciada como o modo de operação por excelência da arqueologia, sendo a categorização de artefatos um exercício rotineiro nessa disciplina desde o campo até o laboratório (O'BRIEN & LYMAN, 2002). No entanto classificar é mais que uma tarefa empírica ou uma simples organização de dados. Quando construída dentro de um sistema lógico se torna uma poderosa ferramenta explanatória.

Dunnell (1971), na tentativa de desenvolver uma teoria formal a ser usada como base em arqueologia, diferencia classificação como nosso modelo operacional, e sistemática enquanto a abordagem conceitual. Para ele a sistemática é o ponto de partida para se estabelecer os limites apropriados objetivando a criação de um sistema de unidades para categorização dos fenômenos em classes com significados.

A maneira como essas unidades são formuladas e ordenadas é a premissa para se distinguir o tipo de arranjo criado: classificatórios ou não classificatórios, cada um referindo-se a diferentes etapas e procedimentos da classificação. Os arranjos não classificatórios, ou agrupamentos, são definidos pelos procedimentos feitos para se criar grupos, ou seja, organizar e manipular fenômenos. Os arranjos classificatórios, divididos em classificação paradigmática e taxonômica, podem ser entendidos como um meio de organização e distinção de fenômenos a partir da seleção de determinados critérios relevantes para responder à hipótese de pesquisa. Os produtos desses arranjos, as classes, são unidades teóricas pré-definidas pelas condições necessárias e suficientes para que um fenômeno possa ser identificado, ou seja, classificado.

Empregamos neste artigo uma classificação taxonômica desenvolvida por Berta Ribeiro para classificar artefatos têxteis (RIBEIRO, 1986b) e trançados (RIBEIRO, 1980, 1985) originados de contextos etnográficos e museológicos brasileiros.

A classificação taxonômica é caracterizada por um conjunto de classes ordenadas hierarquicamente e definidas a partir da inclusão de feições não equivalentes em cada

nível da hierarquia. Essa estrutura supõe uma ordenação de importância entre os taxa e seus critérios definidores, na qual os níveis mais altos servem para organização da definição das categorias mais baixas. Entretanto classes podem ser formuladas a partir de qualquer nó de oposições entre intermediários, exemplo disso pode ser dado a partir da adaptação do método taxonômico de Ribeiro aqui apresentado.

Ribeiro (1980) juntou suas próprias experiências de campo e em coleções museográficas a uma intensa reavaliação de diversos estudos sobre cestaria e artefatos trançados em língua estrangeira, tais como Otis Mason (1904), Lila O'Neale (1986), Hélène Balfet (1952), dentre outros, assim como estudos antropológicos em território brasileiro (TAVEIRA, 1982), buscando criar uma classificação que convencionasse toda a nomenclatura e se referisse especificamente para o contexto dos índios brasileiros, assegurando de um lado a comparabilidade dos estudos a serem produzidos e do outro a individualidade de cada artefato dentro de seu contexto cultural.

Para Ribeiro, artefatos trançados e têxteis compartilham a natureza perecível de sua matéria-prima e podem ser definidos indistintamente a partir da interposição de pelo menos dois elementos: um passivo, denominado urdidura, e o outro ativo, denominado trama. Porém correspondem a categorias distintas de artefatos, diferenciando-se principalmente no tipo de processamento requerido pela matéria-prima utilizada e no artefato resultante.

Os artefatos trançados variam de objetos recipientes (cestos) a planos e são o produto do entrançamento de dois – ou mais – elementos de diversos materiais vegetais não fiados - rígidos ou semirrígidos - sendo feitos unicamente com as mãos, a habilidade motora e a imaginação criativa do artesão, prescindindo de moldura ou tear (RIBEIRO, 1980: 31). Já os artefatos têxteis são oriundos de operações mais complexas que envolvem a transformação prévia da matéria-prima em fio, e a utilização de outros implementos, tais como agulha ou tear (RIBEIRO, 1986b), os produtos desse tipo de técnica são denominados tecidos, mas nessa categoria também estão inclusas a manufatura do fio para tecelagem e cordoaria, entendidos aqui como artefatos compostos de pelo menos dois elementos torcidos entre si.

Ribeiro classifica artefatos trançados e têxteis com base nos mesmos critérios: técnica estrutural básica, forma, motivos ornamentais e a função do objeto (RIBEIRO, 1980, 1985, 1986b). Desses, o principal para o desenvolvimento dessa pesquisa é o primeiro. De maneira geral, tanto os artefatos trançados quanto os artefatos têxteis foram subdivididos em duas grandes classes técnicas, chamadas pela autora de categorias. No caso dos artefatos trançados as categorias são o entretecimento, técnica que corresponde ao envolvimento da urdidura pela trama, e a costura, técnica através da qual o objeto é confeccionado a partir de um só elemento contínuo de trama que, com o auxílio de uma agulha ou instrumento perfurador, perpassa a urdidura (RIBEIRO, 1980, 1985). Para os tecidos são o trabalho em malha, executado a partir de somente um elemento contínuo com ou sem a utilização de outros instrumentos, e o trabalho em trama, que pressupõem o uso de um tear ou outro dispositivo para tensionar os fios da urdidura que será entrecruzada pelos fios da trama.

As subdivisões de cada uma dessas classes são definidas a partir das diferenças observadas na interposição dos elementos constituintes, resultando em diferentes padrões geométricos na estrutura dos artefatos. Essas subdivisões mais específicas são denominadas grupos, tipos e subtipos (Figuras 2 e 3).

Destacamos que, para os artefatos têxteis, Ribeiro (1986b) também julga necessário avaliar os procedimentos de fiação que são diferentes para cada tipo de matéria-prima escolhida, e a torção dos fios. Existem duas maneiras de torcer um fio: a torção feita da direita para a esquerda, no sentido horário, chamada torção em Z, e a

executada no sentido contrário, chamada torção em S. Esse foi o principal critério classificatório utilizado para os artefatos de cordoaria, que constituem a maior parte da coleção. Além disso, as técnicas de enodação apresentadas por ela também foram utilizadas (RIBEIRO, 1988) na classificação dos diversos tipos de nós presentes na coleção.

Dada a diferença nas condições gerais de preservação de artefatos trançados e têxteis oriundos de contextos arqueológicos, em comparação com aqueles originários de coleções etnográficas, foi necessária uma adaptação do sistema classificatório de Berta Ribeiro. Assim, verificou-se que a classificação até o nível de grupo de Ribeiro foi mais fácil de operacionalizar dadas as limitações do material, quando tais especificidades foram possíveis de se verificar, elas tiveram um valor mais descritivo que classificatório.

Complementarmente à classificação de Ribeiro acima descrita, aplicamos a proposta de Adovasio (1977) especificamente no que tange à sua categoria *miscelânea*. Esse autor propôs um sistema classificatório taxonômico bem semelhante ao de Berta Ribeiro, com o diferencial de criar uma classe fluida para abranger aqueles artefatos que não se encaixam em nenhuma classe técnica já definida. Essa categoria, embora não apresente uma definição formal, possui caráter funcional dentro da classificação exatamente por ser uma classe de conteúdo variável de coleção para coleção (ADOVASIO, 1977: 124).

Essa classe é dividida em três subclasses: tipos exóticos/atípicos de cestaria, definida por aqueles (raros) exemplares que não foram fabricados a partir das técnicas torcida, cruzada ou costurada¹; matéria-prima, definida como elementos empregados na manufatura de artefatos que apresentam pouco ou nenhum grau de alteração; e itens únicos, artefatos fabricados a partir de materiais comumente utilizados na produção de cestaria.

¹ Torcida (twined), cruzada (plaited), costurada (coiled) são as três classes técnicas de cestaria definidas por Adovasio (1977). Variedades específicas são acrescidas a essas classes, formando tipos tecnológicos cada vez mais restritivos como, por exemplo, as variedades simples e diagonal dos trançados torcidos. Segundo esse autor, à medida que as classificações vão se restringindo, as classes podem ser indicadoras de especialização ou padronização cultural (Adovasio, 1977: 1).

Figura 2 - Técnicas Básicas do Trançado, Adaptado de RIBEIRO, 1986b.

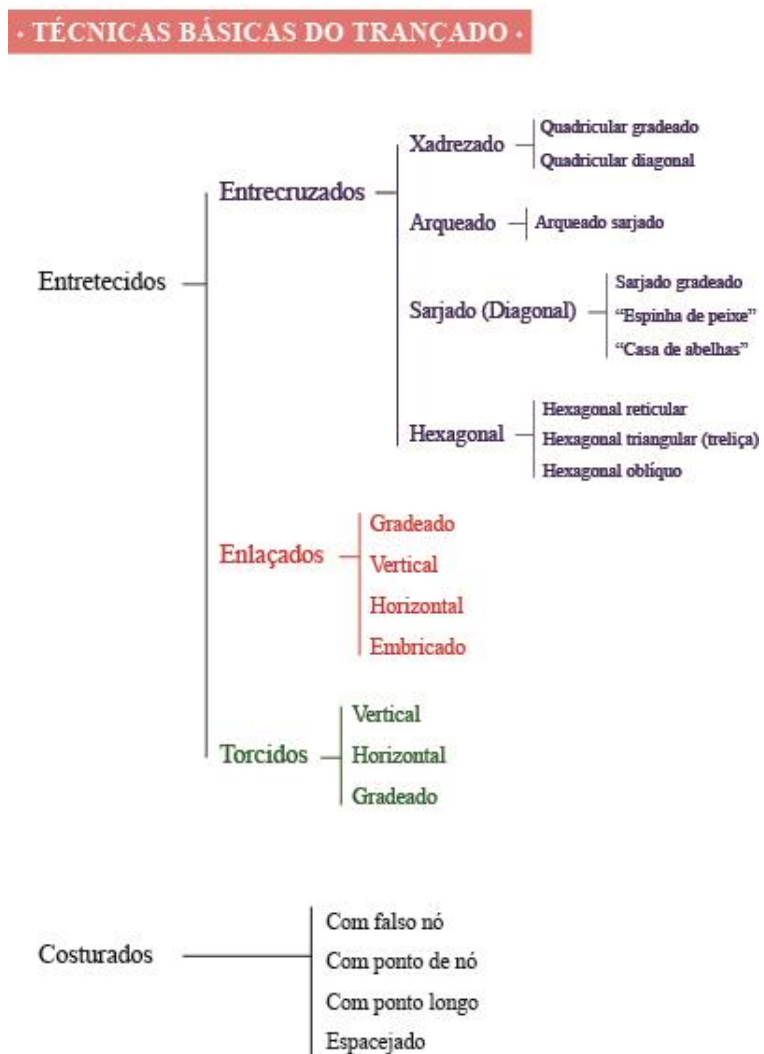
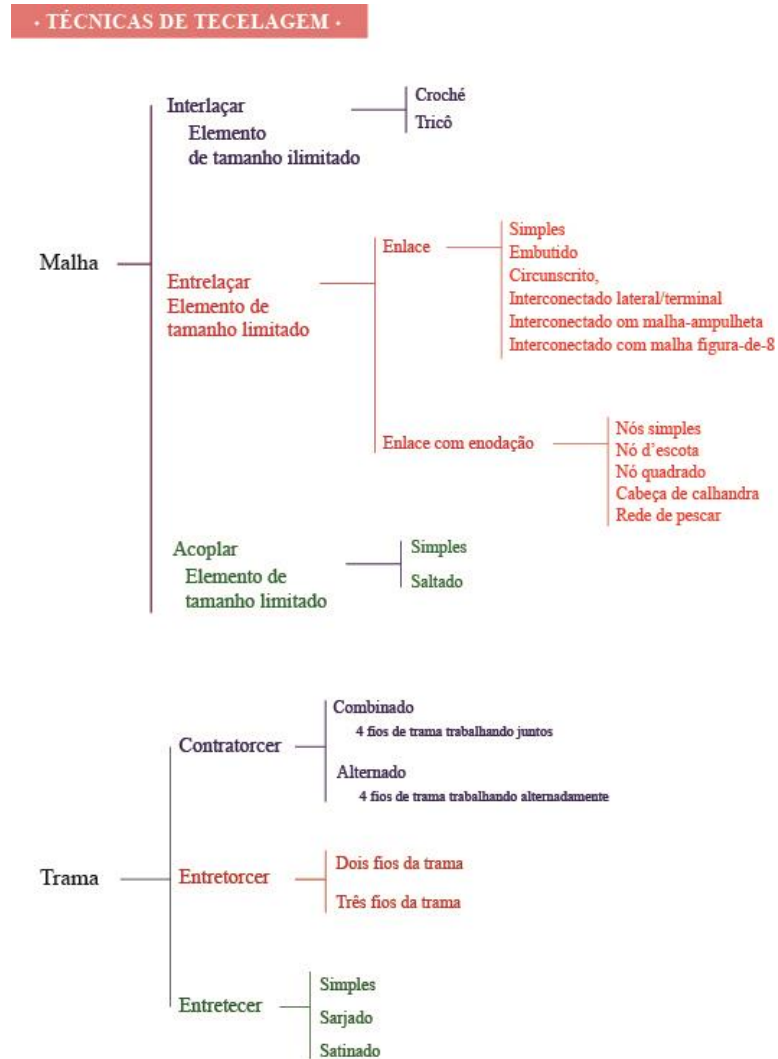


Figura 3 - Técnicas de Tecelagem. Adaptado de RIBEIRO, 1986b.



A COLEÇÃO DE TRANÇADOS E TÊXTEIS DO VALE DO PERUAÇU: APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O inventário foi o instrumento pelo qual os resultados dessa pesquisa se apoiaram. Segundo Panisset (2011), a execução de um inventário deve atender aos seguintes princípios: (1) um levantamento e reconhecimento do acervo a ser inventariado; (2) a definição dos campos de descrição, feita dentro de objetivos pré-determinados; e (3) organização e interpretação dessas informações.

Seguindo essas diretrizes, os campos desse inventário foram organizados com base em três principais objetivos: contexto de escavação, contexto de deposição, classificação técnica. A partir disso, o resultado foi 172 peças registradas, entre artefatos inteiros e fragmentos classificados em cinco tipos de artefatos que serão descritos com detalhe adiante.

A aplicação sistemática da taxonomia de Berta Ribeiro a essa coleção rendeu implicações bastante interessantes. Conforme ilustra a Tabela 1 abaixo, dos 172 itens analisados, 82% (142) apresentaram condições para terem sua técnica identificada. O restante é caracterizado basicamente por artefatos vegetais cujas alterações não possuem referente nas classes de Ribeiro, e três são artefatos trançados que, devido à má conservação do seu material, impossibilitaram a classificação técnica.

Tabela 1 - Artefatos x Identificação das técnicas.

	Trançado	Têxtil	Cordoaria	Vegetal	Nó	Total
Técnica Identificada	8	11	110	12	1	142
Técnica Não-Identificada	3			27		30
Total	11	11	110	39	1	172

Com relação aos oito artefatos trançados, nos quais foi possível identificar a técnica de fabricação, três classes foram verificadas: costurado dobrado (utilizada na confecção de esteiras, tanto para sepultamentos quanto para depósitos, conforme ilustrado nas fotos 2 e 3 da Figura 4), entretecido torcido vertical (utilizada na confecção dos cestos que acompanhavam alguns sepultamentos, conforme foto 4 da Figura 4) e entretecido diagonal, sarjado em um padrão decorativo espinha de peixe (exemplar único associado a depósito, ilustrado na foto 1 da Figura 4).

Figura 4 - Artefatos Trançados.

(1) Artefato trançado como conteúdo de depósito:
Técnica entretecido entrecruzado diagonal.



(2) Artefato trançado como revestimento de depósito: Técnica entrançado costurado dobrado



(2A) Detalhe da costura.



(3) Artefato trançado associado a sepultamento:
Técnica entrançado costurado dobrado



(4) Artefato trançado associado a sepultamento:
Técnica entretecido torcido vertical



(4A) Detalhe da borda em aro duplo.



(4B) Detalhe do bojo.

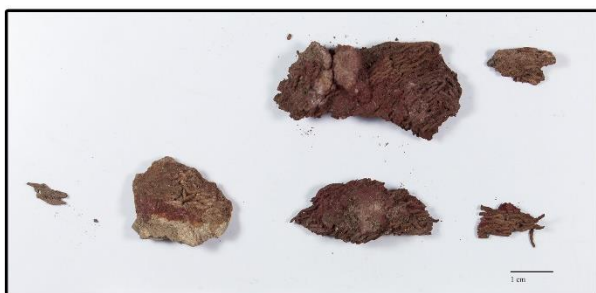
Já os artefatos têxteis classificados (11) se dividem em quatro classes técnicas: entretecido simples (em um pequeno fragmento do sítio Abrigo do Malhador, conforme foto 4, Figura 5), entrelaçado enlaçado acoplado subtipo malha-ampulheta (em dois artefatos associados a depósito, foto 1 da Figura 5), entrelaçado enlaçado com enodação subtipo nó rede de pesca (presente em fragmentos de rede associados a dois sepultamentos da Lapa do Boquete, foto 2 da Figura 5) e, por fim, a técnica do entrançado (utilizada em três artefatos, todos acompanhando sepultamentos, foto 3 da Figura 5).

Figura 5 - Artefatos Têxteis.

(1) Artefato têxtil como conteúdo de depósito: Técnica entrelaçado enlaçado interconectado com malha ampulheta.



(2) Artefato têxtil associado a sepultamento: Técnica entrelaçado enlaçado com enodação tipo nó rede de pesca.



(3) Artefato têxtil associado a sepultamento: Técnica do entrançamento.



(4) Artefato têxtil sem associação: Técnica entretecido simples.

A classe cordoaria, ilustrada na Figura 6, constitui a maior parte da coleção e é composta majoritariamente por fragmentos de cordões produzidos a partir da torção de dois elementos em sentido anti-horário, também chamada de torção em S. Devido ao alto grau de fragmentação, não foi possível dizer se compuseram bolsas, redes ou tecidos, com exceção de fragmentos de cordões que se desprenderam da esteira trançada, fragmentos de alça de uma cabaça e um novelo. Porém essa classe bem como os artefatos têxteis são indicadores positivos da existência de técnicas de fiação e tecelagem, inclusive com matérias-primas variadas².

Nessa categoria também foram incluídas peças que utilizam as cordas como implemento para manufatura de outros artefatos tais como uma pedra amarrada a um graveto a partir de três cordões enrolados, foto 1 da Figura 6 abaixo. Segundo Adovasio *et al.* (1997), essa é uma função adicional para cordões que vai além da confecção de têxteis e trançados.

² Na bibliografia consultada são apontadas pelo menos duas matérias-primas utilizadas na confecção dos artefatos de cordoaria: o algodão e a embira (JUNQUEIRA & MALTA, 1981/1982; PROUS, 2009). A utilização do algodão é reforçada ainda pela identificação de dois chumaços como conteúdo de depósitos, classificados nessa pesquisa na categoria “vegetal”.

Figura 6 - Artefatos de Cordoaria.

(1) Artefato de cordoaria:
Três cordões enrolados em graveto amarrando uma pequena pedra, com procedimento semelhante ao nó de calhandra.



(2) Artefato de cordoaria em palha de milho como conteúdo de depósito.



(3) Artefato de cordoaria como conteúdo de depósito:
Início de um entrançamento.



(4) Artefato de cordoaria associado a sepultamento:
Alça da cabaça.



(5) Artefato de cordoaria associado a sepultamento:
Novelo de cordões.

O tipo de artefato classificado como vegetal, ilustrados na Figura 7 abaixo, geralmente não apresenta sinais de entrançamento ou tecelagem, o que não os qualifica para serem incluídos em nenhuma das outras categorias definidas por Ribeiro (1980, 1985, 1986a, 1986b). Dos 38 artefatos classificados nesse tipo, 12 apresentam nós de vários tipos em palha de milho e em emaranhados de fibras. Quatro representam diferentes formas de revestimento de depósito, tais como gramíneas organizadas em forma de círculo e folhas de palmeiras com extremidades cortadas, além de fragmentos de caniços perfurados que se desprenderam da esteira já mencionada. Na confecção de artefatos únicos, tiras de embira foram utilizadas envolvendo uma lâmina de machado polida e na fixação de dentes de paca a um graveto (para Prous (2009), esse artefato seria um “buril”). Essa classe se assemelha bastante ao conceito da classe miscelânea utilizada por Adovasio (1977).

Figura 7 - Artefatos Vegetais.

(1) Artefato vegetal como conteúdo de depósito: Nó em palha de milho.



(2) Artefatos vegetais como conteúdo de depósito: Emaranhados com nó.



(3) Artefato vegetal como revestimento de depósito: Folhas de palmeira e gramíneas dobradas, com extremidades cortadas.



(4) Artefato vegetal associado a sepultamento: Nó simples.



(5) Artefato vegetal associado a sepultamento: Tiras de embira prendendo dentes de paca a um graveto.



(6) Artefato vegetal associado a sepultamento: Revestimento de cova.

A distribuição numérica desses artefatos em relação às estruturas de deposição é demonstrada na Tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição das classes de artefatos de acordo com o tipo de estrutura.

	Trançado	Têxtil	Cordoaria	Vegetal	Nó	Total
Depósito	3	3	59	24		89
Sepultamento	8	7	18	9		42
Não Se Aplica		1	33	6	1	41
Total	11	11	110	39	1	172

Verifica-se que 76% dos artefatos puderam ser associados a um dos dois tipos de estrutura (depósito ou sepultamento). Além disso, uma importante associação demonstrada é a prevalência de artefatos têxteis e trançados associados a sepultamentos (68%), o que pode indicar que sua utilização seja específica. Ao contrário do observado para têxteis e trançados, os artefatos de cordoaria estão mais presentes em depósitos (66%) do que em sepultamentos.

Para comparar essa distribuição foi feito um teste Qui-quadrado incluindo as categorias trançado e têxtil agrupadas, cordoaria, vegetal e sua associação com depósito ou sepultamento. O valor obtido foi 17,3123 e o valor de p 0,000174, sendo o resultado

significante quando $p < 0,05$. Esse resultado não indica exatamente qual a associação é mais importante nesse contexto, por outro lado diz que entre as categorias de artefatos criadas, alguma delas é mais associada a uma das estruturas do que seria esperado se a associação fosse ao acaso. Isso mostra que a deposição de trançado, têxtil, cordoaria etc não é aleatória em relação ao tipo de estrutura.

Para os artefatos associados a depósitos, observou-se a predominância de itens como conteúdo (92%) em oposição aos artefatos de revestimento dessas estruturas. Para essa função mais frequente, temos um alto número de fragmentos de cordões (69%) e artefatos vegetais (24%) bem característicos, tais como nós em palhas de milho e emaranhados de entrecasca retorcidos. Os artefatos de revestimento, utilizados como isolamento dos conteúdos dos depósitos do sedimento externo, incluem um único trançado e os artefatos vegetais já mencionados, todos associados a diferentes depósitos da Lapa do Boquete.

Descrições pontuais de alguns desses artefatos foram feitas por Junqueira & Malta (1981/82) em sua publicação voltada para a apresentação dos depósitos estruturados de vegetais do Vale do Peruaçu. Eles destacaram principalmente os nós dados em palha de milho – provavelmente para desidratação das espigas (RESENDE & CARDOSO, 2009) –, cordões encerados e uma esteira, composta de 28 fragmentos fixados por sete cordas de diâmetros entre 3 mm e 5,7 mm, 80 cm de comprimento e 40 cm de largura (JUNQUEIRA & MALTA, 1981/82).

As associações entre os tipos de artefatos e os sepultamentos se mostraram um pouco mais complexas, por estarem sujeitas a fatores que vão desde particularidades relacionadas diretamente com o indivíduo que foi enterrado até questões de preservação diferencial entre cada estrutura. Boa parte desses artefatos está muito fragmentada e, nesse sentido, foi fundamental combinar a classificação feita com as descrições de Prous (2009) e Prous & Schlobach (1997).

Dos 11 sepultamentos escavados no Vale do Peruaçu, oito deles apresentaram artefatos vegetais associados coletados, de maneira geral, no fundo e nas paredes das covas, descritos como capas ou embrulhos funerários, forrando as covas e envolvendo os corpos em uma intenção clara de proteção do corpo em relação ao seu meio exterior (PROUS & SCHLOBACH, 1997). A coleção apresenta vários artefatos confeccionados para esta função, dos quais destacamos uma esteira trançada, fragmentos de rede e um conjunto de fragmentos têxteis que envolvia parte do corpo de uma criança na Lapa do Boquete.

Artefatos de diversos tipos também foram utilizados como acompanhamento funerário e, nesse caso, Prous (2009) e Prous & Schlobach (1997), dão destaque para o indivíduo masculino parcialmente mumificado de 35-40 anos datado de 560 ± 40 BP (SOUZA *et al.*, 2009) da Lapa do Boquete. Além de ter sua cabeça envolta por uma estrutura de folhas de palmeira, seus membros foram amarrados por grossas tiras de embira e ao seu redor foram depositados diversos artefatos. Em uma de suas mãos, por exemplo, ele segurava um nó feito com uma vareta flexível (Foto 4, figura 7). Em duas das quatro cabaças com ele enterradas, existiam vestígios de alças e restos de trançados aderidos ao bojo, podendo ser vestígios de artefatos para facilitar o transporte (Foto 4, figura 6). Dentro de uma das cabaças tinha um novelo de barbante (Foto 5, figura 6). Por fim, esse homem tinha apoiado em seu joelho um cesto (foto 4, figura 4), um dos artefatos mais belos da coleção. Sua borda, hoje lamentavelmente deformada e bastante frágil, era formada por um aro duplo de madeira flexível, a ela foi costurado por anéis de corda a estrutura trançada de fibras que forma o corpo desse cesto.

É importante destacar que, apesar de sua fragilidade, a preservação de tamanha diversidade de artefatos nos leva a supor que o repertório era bem maior do que

efetivamente chegou até as mãos de nós, pesquisadoras. De fato, essa diversidade provou ser a essência dessa coleção e é, certamente, um forte indício de que os ocupantes do Vale do Peruaçu conheciam as potencialidades das plantas ao seu entorno não somente para se alimentar, mas para fornecer material de boa qualidade para produção de artefatos.

OS CESTOS ENTERRADOS DO VALE DO PERUAÇU: DISCUTINDO FUNÇÃO E RITUAL

À primeira vista, depósitos e sepultamentos se apresentam como categorias de vestígios distintas. Por outro lado, a identificação na coleção de artefatos trançados (9), vegetais (5), e um artefato têxtil confeccionados para proteção e preservação de vegetais, no caso dos depósitos e de corpos, nos sepultamentos, sinalizam uma semelhança na construção dessas estruturas que nos permite compará-las.

Nessa discussão não pretendemos polarizar as estruturas de depósito e sepultamentos, mas antes enxergá-las de forma integrada no contexto de ocupação do Vale do Peruaçu (HURCOMBE, 2014).

Os autores que estudaram os depósitos estruturados de vegetais buscaram com empenho compreender sua função a partir de descrições extensas sobre seu conteúdo e morfologia. Para Resende & Cardoso (2009), por exemplo, a união de técnicas tradicionais para conservação de material perecível e a verificação de que a maioria dos vegetais armazenados eram consumidos as levou a acreditar que sua função era de armazenamento de grãos para semeadura. As autoras também levaram em conta que várias estruturas pareciam ter sido exploradas, estando bastante remexidas, além de terem sido encontradas covas com sedimentos desabados e restos de vegetais típicos desses depósitos, supondo que isso indicaria uma programação para a utilização dessas reservas. Freitas & Rodet (2010), na direção oposta, sugerem que os depósitos seriam oferendas diretamente relacionadas às mudanças comportamentais impostas pelo novo modo de vida horticultor.

O fato dos vestígios vegetais no Vale do Peruaçu se apresentarem frequentemente na forma de depósitos estruturados muito semelhantes entre si e enterrados em diversos abrigos da região faz com que seja levantada a hipótese de que a construção dos depósitos representaria uma estratégia diferenciada de descarte e deposição intrinsecamente relacionada a escolhas/normas culturais específicas (NEEDHAM & SPENCE, 1997).

Nesse sentido, observando a deposição cuidadosa e a intenção de preservar o conteúdo desses depósitos, independente do fim para o qual a estrutura estava sendo construída, faz com que busquemos compreendê-los mais a partir da forma como os elementos vegetais estavam sendo descartados por esses grupos. Conforme destaca Isnardis (2009), para estruturas semelhantes encontradas na Lapa do Caboclo, em Diamantina (MG), o cuidado preservacionista deporia contra a hipótese de um simples depósito de lixo ou de armazenamento.

A interação mais explícita entre depósitos e sepultamentos no Vale do Peruaçu foi verificada na Lapa do Boquete. Os depósitos nesse sítio foram encontrados muito próximos aos sepultamentos correspondentes ao período horticultor, inclusive algumas fossas foram reutilizadas para enterrar alguns indivíduos, o que deixa claro que existia uma interação com o que já estava enterrado nesses espaços. Sene (2007) aponta essa mesma relação para os grupos horticultores da Gruta do Gentio II, em Unaí (MG), afirmando que distribuição espacial das covas de sepultamento nesse sítio foi feita de maneira cuidadosa por seus ocupantes.

Outro ponto que merece destaque é a semelhança existente na construção das covas dos sepultamentos encontrados no Vale e das fossas desses depósitos, como já apontado, o que indica o desejo de proteção e preservação do que estava sendo enterrado. Tendo em vista as mudanças culturais advindas dessa relação mais íntima dos grupos horticultores do vale do Peruaçu com os elementos vegetais, frisada por Freitas e Rodet (2010), aliada ao fato de vestígios vegetais, e orgânicos em última instância, receberem tamanho cuidado em sua deposição, pode-se sugerir que as práticas mortuárias não eram dissociadas de outros aspectos/eventos de deposição (MC OMISH, 1996).

De acordo com Pollard (2008), estruturas de deposição estão relacionadas a uma estética que determina os tipos de materiais a serem enterrados e os seus arranjos espaciais, o que, segundo Gilmore (2015), determina precedentes para práticas futuras, criando e reforçando laços sociais nesses espaços. A ocorrência no Vale de diferentes espaços de enterramento, tanto de sepultamentos (o caso dos sítios Lapa do Boquete e Abrigo do Malhador) como de depósitos (que não foram encontrados no Malhador) nos leva a pensar que relações diferentes estavam sendo acionadas em cada um desses sítios.

Pode ser que os depósitos mantenham relação direta com os sepultamentos, pode ser também que sejam vestígios de uma atividade completamente dissociada dos ritos funerários, porém considerando a proposição de que a vocação ritual dos abrigos é de fato exaltada nesse período, ambas estruturas interagem em um amplo espaço ritual significativo.

Segundo Van Gennep (1960), cada cultura elege e elabora eventos que considera pertinentes para destacar e investir de significado, e no caso do Peruaçu parece ser as plantas. A utilização de palhas e trançados no revestimento de depósitos e covas de sepultamentos foi aqui interpretada como a mimetização de um cesto: cestos para proteção, e possivelmente transporte, de corpos e cestos para proteção de vegetais.

CONCLUSÃO

A proposta de estudar uma coleção de artefatos cuja a própria natureza é de não se preservar impôs de início um enorme desafio. Nesse sentido, o trabalho aqui apresentado representou um resgate de uma importante coleção junto à infinidade de vestígios vegetais que caracteriza boa parte do acervo arqueológico do MHNJB-UFGM, composta por artefatos diversos descritos de maneira assistemática pelos pesquisadores que utilizaram uma variedade de termos descritivos para esses artefatos sem referência a uma terminologia adequada.

O sistema classificatório proposto por Ribeiro foi a maneira encontrada para realizar uma descrição padronizada e extensa dos tipos de artefatos trançados e têxteis, e, embora pareça trivial, foi um ponto de partida fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa, permitindo explorar essa coleção em detalhes e examinar os possíveis pontos de comparação.

Redescobrir esse acervo uniu o registro de cada peça a um trabalho de recuperação de dados de proveniência, importante tanto para manutenção da integridade da coleção quanto para o desenvolvimento dessa e de outras pesquisas que estão por vir.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos a André Prous, Mário Sousa e Martha Maria de Castro e Silva (MHNJB-UFGM), pelo acesso aos materiais e inestimável ajuda na execução dessa pesquisa; aos professores Denise Gomes e Paulo Seda, pelas contribuições nos exames de qualificação e na defesa; a Glauco Constantino Perez, por elaborar o mapa utilizado

nesse artigo; e aos revisores pelas contribuições. Agradecemos o apoio financeiro recebido através de uma bolsa de mestrado CAPES e FAPERJ (Bolsa Nota Dez) para Leticia Dutra Romualdo da Silva. Mercedes Okumura é bolsista produtividade CNPq (302163/2017-4).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADOVASIO, J. M. 1977. *Basketry technology: a guide to identification and analysis*. Chicago: Aldine Publishing Company. 182pp.
- ADOVASIO, J. M.; HYLAND, D. C.; SOFFER, O. 1997. Textiles and Cordage: A preliminary assessment. In: SVOBODA, J. (Ed.). *Pavlov I - Northwest: The Upper Paleolithic Burial and Its Settlement Context*. Vol. 4. Brno: Institute Of Archaeology, Academy Of Sciences Of The Czech Republic, pp.403-424.
- BALFET, H. 1952. La vannerie: essai de classification. *L'anthropologie*, Paris, 56:260-280.
- COSTA, R. L. 2016. Palha e tala: estudo da tecnologia dos trançados entre grupos pré-históricos brasileiros. *Tese Doutorado*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 231fls.
- DUNNELL, R. C. 1971. *Systematics in prehistory*. New York/London: The Free Press & Collier Macmillan Publishers, 214pp.
- DUTRA, L. 2013. Contas e colares: cadeias operatórias e ressignificação de artefatos e espaços na vida cotidiana dos ceramistas e horticultores da Lapa do Boquete, no Vale do Rio Peruaçu. *Monografia*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 91fls.
- DUTRA, L. 2017. Cestos enterrados no Vale do Peruaçu: classificação e utilização dos artefatos têxteis e trançados dos sítios sob abrigo do Norte de Minas Gerais. *Dissertação de Mestrado*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 181fls.
- DUTRA, L. & SILVA, M. M. C. 2016. Acervos Arqueológicos Pré-Históricos: o inventário como ferramenta essencial de uma política de gestão. *IV Seminário Preservação De Patrimônio Arqueológico*, Rio de Janeiro. *Anais*. Museu de Astronomia e Ciências Afins. p.389-401.
- FREITAS, F. O. & RODET, M. J. 2010. O que ocorreu nos últimos 2000 anos no Vale do Peruaçu: uma análise multidisciplinar para abordar os padrões culturais e suas mudanças entre as populações humanas daquela região. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 20:109-126.
- GILMORE, Z. I. 2015. Subterranean histories: pit events and place-making in Late Archaic Florida. In: GILMORE, Z. I.; O'DONOUGHUE, J. M. (Ed.). *The archaeology of events: cultural change and continuity in the ancient southeast*. Tuscaloosa: University Of Alabama Press. pp.119-140.
- GOMES, D, M. C. 2002. *Cerâmica arqueológica amazônica: vasilhas da Coleção Tapajônica MAE-USP*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 355pp.
- HURCOMBE, L. M. 2014. *Perishable Material Culture: Investigating the Missing Majority*. London, Routledge. 276pp.
- ISNARDIS, A. 2009. Entre as pedras: as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais. *Tese de Doutorado*. São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 280 fls.
- JUNQUEIRA, P. A. & MALTA, I. M. 1981/1982. Horticultores e ceramistas pré-históricos do noroeste de Minas Gerais. *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico - UFMG*, Belo Horizonte, 6-7:275-287.
- KIPNIS, R. 2009. Padrões de subsistência dos povos forrageiros do Vale do Peruaçu. *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico - UFMG: Arqueologia do vale do Rio Peruaçu e adjacências*, Belo Horizonte, 19:291-320.
- MASON, O. T.1904. *Indian basketry: studies in a textile art without machinery*. Nova York, Double Day Page & Company. 513pp.
- MCOMISH, D. 1996. East Chisenbury: ritual and rubbish at the British Bronze Age-Iron Age transition. *American Antiquity*, Washington, 70:68-76.

- MOURA, M.T.T. 1998. Evolução do Sítio Arqueológico Lapa do Boquete na Paisagem do Vale do Rio Peruaçu – Januária, MG. *Dissertação de Mestrado*. São Paulo, Universidade de São Paulo. 208pp.
- NEEDHAM, S. & SPENCE, T. 1997. Refuse and the formation of middens. *Antiquity*, Cambridge, 71:77-90.
- O'BRIEN, M. J. & LYMAN, R. L. 2002. The Epistemological Nature of Archaeological Units. *Anthropological Theory*. 2:37-56.
- O'NEALE, L. 1986. Tecelagem. In: RIBEIRO, B. G. (Ed.). *Suma Etnológica Brasileira: Tecnologia Indígena*. Petrópolis: Vozes/FINEP, pp.397-429.
- PANISSET, A. M. 2011. *O inventário como ferramenta de diagnóstico e conservação preventiva: estudo de caso da coleção "Santos de Casa" de Marcia de Moura Castro*. *Dissertação de Mestrado*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais. 268fls.
- PILÓ, L. B. 1989. A morfologia cárstica do baixo curso do rio Peruaçu, Januária - Itacarambi, MG. *Monografia*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais. 80fls.
- POLLARD, J. 2008. Deposition and material agency in the early Neolithic of southern Britain. In: MILLS, B. J.; WALKER, W. H. (Ed.). *Memory work: Archaeologies of material practices*. Santa Fé: School Of Advanced Research. 2008. pp.41-59.
- PROUS, A. 1991. *Estudo arqueológico do Vale do Rio Peruaçu, Minas Gerais: fase 1*. Relatório apresentado à FINEP. Belo Horizonte. 320pp.
- PROUS, A. 1992/1993. *Estudo arqueológico do Vale do Rio Peruaçu: Itacarambi/Januária*. Relatório apresentado à FAPEMIG. Belo Horizonte. 280pp.
- PROUS, A. 2009. Artefatos e adornos sobre suportes de origem animal, vegetal ou mineral (concha, casca de ovo, dente, osso, cera, fibras vegetais e calcita). *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico – UFMG: Arqueologia do vale do Rio Peruaçu e adjacências*, Belo Horizonte, 19:371-413.
- PROUS, A.; BRITO, M. E.; LIMA, M. A. 1994. As ocupações ceramistas no vale do rio Peruaçu (MG). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4:71-94.
- PROUS, A. & SCHLOBACH, M. C. 1997. Sepultamentos pré-históricos do Vale do Peruaçu. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 7:3-21.
- RESENDE, E. M. T.; CARDOSO, J. S. 2009. Vestígios vegetais: arqueobotânica e técnicas tradicionais de armazenamento. *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico – UFMG: Arqueologia do vale do Rio Peruaçu e adjacências*, Belo Horizonte, 19:231-260.
- RIBEIRO, B. G. 1980. A civilização da palha: a arte dos trançados dos índios do Brasil. *Tese de Doutorado*. São Paulo, Universidade de São Paulo. 590fls.
- RIBEIRO, B. G. 1985. *A arte dos trançados dos índios do Brasil: um estudo taxonômico*. Pará: Museu Paraense Emílio Goeldi. 185pp.
- RIBEIRO, B. G. 1986a. A arte de trançar: dois macroestilos, dois modos de vida. In: RIBEIRO, B. G. (Ed.). *Suma Etnológica Brasileira: Tecnologia Indígena*. Petrópolis: Vozes/FINEP, pp.283-321.
- RIBEIRO, B. G. 1986b. Artes têxteis indígenas do Brasil. In: RIBEIRO, B. G. (Ed.). *Suma Etnológica Brasileira: Tecnologia Indígena*. Petrópolis: Vozes/FINEP, pp.351-395.
- RIBEIRO, B. G. 1988. *Dicionário do artesanato indígena*. São Paulo: Ed. da USP. 343pp.
- RODET, M. J. 2006. Etude technologique des industries lithiques taillées du nord de Minas Gerais, Brésil – depuis le passage Pléistocène/Holocène jusqu'au contact – XVIII è mesième. *Tese de Doutorado*. Paris, Université de Paris X. 516fls.
- RODET, M. J. 2009. O estudo tecnológico das indústrias líticas da bacia do rio Peruaçu: cadeias

- operatórias, métodos de debitação, técnicas de lascamento. “*Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico – UFMG: Arqueologia do vale do Rio Peruaçu e adjacências*. Belo Horizonte. 19:415-440.
- SENE, G. A. M. 2008. Indicadores de gênero na pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e identificação social. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais. *Tese de Doutorado*. São Paulo, Universidade de São Paulo. 413fls.
- SOUZA, S. M de; SIANTO, L; FERNANDES, A.; JANSEN, A.M.; VINCENTE, A. C.; KIPNIS, R.; FERREIRA, L. F.; DITTMA, K.; ARAÚJO, A. 2009. Sepultamento IV do sítio arqueológico Lapa do Boquete, MG: patologias ósseas, parasitoses e doença de chagas. *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico – UFMG: Arqueologia do vale do Rio Peruaçu e adjacências*, Belo Horizonte, 19:209-230.
- TAVEIRA, E. L. 1982. *Etnografia da cesta Karajá*. Goiânia: UFG. 196pp.
- TOLEDO DE PAULA, T. C. 2006. Tecidos no museu: argumentos para uma história das práticas curatoriais no Brasil. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, 14: 253-298.
- VAN GENNEP, A. 1960. *The rites of passage*. Chicago: University of Chicago Press. 224pp.